

Revista **a** EVOLUÇÃO



FÁTIMA GAMA

Profa. Doutoranda em Ciências Sociais

ENTREVISTA

Profa. Dra. KÁTIA CARNEIRO, da UFRJ.



LANÇAMENTO



Participa de
ABEC
BRASIL
Associação Brasileira de Editores Científicos



INTERNATIONAL
STANDARD
NUMBER
ISSN



Platform &
workflow by
OJS / PKP

www.primeiraevolucao.com.br

Revista **EVOLUÇÃO**

Ano V - nº 51 - Abril de 2024

ISSN 2675-2573

Uma publicação mensal da Edições Livro Alternativo

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Editor correspondente (Angola):

Manuel Francisco Neto

Coordenaram esta edição:

Vilma Maria da Silva

Mirella Clerici Loayza

Colunista:

Adeilson Batista Lins

Organização:

Manuel Francisco Neto

Vilma Maria da Silva

AUTORES(AS) DESTA EDIÇÃO

Adriana Pereira Santos da Silva

Alecina do Nascimento Santos

André Luiz Dias Leite

Andressa Talita de Lara

Angelita Aparecida Ferreira Gebin

Antônio dos Santos J. Miguel e Fátima T. Dias dos Santos Gama

Beatris Maria Mocellin

Daniel Leopoldo Moreira Barbosa

Daniela Proença Verly da Silva

Dinah Luisa da Silva

Ester de Paula Oliveira

Elisangela Santos Reimberg Eduardo

Josefa Bezerra de Meneses

Letícia Zuza de Lima Cabral

Lucimara dos Santos de Barros

Marcela Rodrigues Pimentel

Maria Aparecida Armandilha Nunes

Maria de Fátima Costa Rocha

Marilena Wackler

Sidnéa dos Santos Quintino Amorim

Sidneia Viana

Sileusa Soares da Silva

Soraia Mitauy Freitas

Vilma Cavalcante Sabino da Silva

Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores e não expressam, necessariamente, a opinião da revista.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Revista Primeira Evolução [recurso eletrônico] / [Editor] Antonio Raimundo Pereira Medrado. – ano 5, n. 51 (abr. 2024). – São Paulo : Edições Livro Alternativo, 2024. 196 p. : il. color

Bibliografia

Mensal

ISSN 2675-2573 (on-line)

Modo de acesso: <https://primeiraevolucao.com.br>

DOI 10.52078/issn2675-2573.rpe.51

1. Educação – Periódicos. 2. Pedagogia – Periódicos. I. Medrado, Antonio Raimundo Pereira, editor. II. Título.

CDD 22. ed. 370.5

Patrícia Martins da Silva Rede – Bibliotecária – CRB-8/5877

ACESSOS:

<https://primeiraevolucao.com.br>



<https://doi.org/10.52078/issn2675-2573.rpe.51>

A

São Paulo | 2024

Editor Responsável:

Antônio Raimundo Pereira Medrado

Editor correspondente (ANGOLA):

Manuel Francisco Neto

Coordenação editorial:

Ana Paula de Lima
Andreia Fernandes de Souza
Antônio Raimundo Pereira Medrado
Isac Chateaneuf
José Wilton dos Santos
Manuel Francisco Neto
Vilma Maria da Silva

Com. de Avaliação e Leitura:

Prof. Dr. Adeílson Batista Lins
Prof. Me. Alexandre Passos Bitencourt
Profa. Esp. Ana Paula de Lima
Profa. Dra. Andreia Fernandes de Souza
Profa. Dra. Denise Mak
Prof. Dr. Isac Chateaneuf
Prof. Dr. Manuel Francisco Neto
Profa. Ma. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco
Profa. Esp. Mirella Clerici Loayza
Profa. Dra. Thais Thomaz Bovo

Bibliotecária:

Patrícia Martins da Silva Rede

Colunistas:

Prof. Dr. Adeílson Batista Lins
Prof. Dr. Isac Chateaneuf

Edição, Web-edição e projetos:

Antonio Raimundo Pereira Medrado
Vilma Maria da Silva
Lee Anthony Medrado

Contatos

Tel. 55(11) 99543-5703
Whatsapp: 55(11) 99543-5703
primeiraevolucao@gmail.com (S. Paulo)
netomanuelfrancisco@gmail.com (Luanda)
<https://primeiraevolucao.com.br>

Imagens, fotos, vetores etc:

<https://publicdomainvectors.org/>
<https://pixabay.com>
<https://www.pngwing.com>
<https://br.freepik.com>

Publicada no Brasil por:

Edições
Livro Alternativo

CNPJ: 28.657.494/0001-09

Colaboradores voluntários em:



Esta revista é mantida e financiada por professoras e professores.
Sua distribuição é, e sempre será, livre e gratuita.

A revista PRIMEIRA EVOLUÇÃO é um projeto editorial criado pela **Edições Livro Alternativo** para ajudar e incentivar professores(as) a publicarem suas pesquisas, estudos, vivências ou relatos de experiências.

Seu corpo editorial é formado por professores/as especialistas, mestres/as e doutores/as que atuam na rede pública de ensino, e por profissionais do livro e da tecnologia da informação.

Uma de suas principais características é o fato de ser **independente e totalmente financiada por professoras e professores**, e de distribuição gratuita.

PROPÓSITOS:

Rediscutir, repensar e refletir sobre os mais diversos aspectos educacionais com base nas experiências, pesquisas, estudos e vivências dos profissionais da educação;

Proporcionar a publicação de livros, artigos e ensaios que contribuam para a evolução da educação e dos educadores(as);

Possibilitar a publicação de livros de autores(as) independentes;

Promover o acesso, informação, uso, estudo e compartilhamento de softwares livres;

Incentivar a produção de livros escritos por professores/as e autores independentes;

Financiar (total ou parcialmente,) livros de professoras/es e estudantes da rede pública.

PRINCÍPIOS:

Os trabalhos voltados para a **educação, cultura** e produções independentes;

O uso exclusivo de **softwares livres** na produção dos livros, revistas, divulgação etc;

A ênfase na produção de **obras coletivas** de profissionais da educação;

Publicar e divulgar **livros de professores(as) e autores(as) independentes**;

O respeito à **liberdade e autonomia** dos autores(as);

O combate ao despotismo, ao preconceito e à superstição;

O respeito à **diversidade**.

Filiada à:



Produzida com utilização de softwares livres



05 EDITORIAL

Antônio R. P. Medrado

07 Ciência, Tecnologia & Sociedade

Adeilson Batista Lins

11 HOMENAGEM**FÁTIMA GAMA****ARTIGOS**

- | | |
|---|-----|
| 1. LINGUAGEM, ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO
ADRIANA PEREIRA SANTOS DA SILVA | |
| 2. A INTERAÇÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NAS ESCOLAS E NA SOCIEDADE
ALECINA DO NASCIMENTO SANTOS | |
| 3. A EDUCAÇÃO INCLUSIVA E OS DESAFIOS DA SUA IMPLEMENTAÇÃO
ANDRÉ LUIZ DIAS LEITE | |
| 4. EDUCAÇÃO ESPECIAL: A INCLUSÃO COMO DESAFIO
ANDRESSA TALITA DE LARA | 35 |
| 5. RECONHECIMENTO E VALORIZAÇÃO DA INFÂNCIA INDÍGENA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA ABORDAGEM
ANGELITA APARECIDA FERREIRA GEBIN | 43 |
| 6. OS DESAFIOS DA SUPERVISÃO PEDAGÓGICA EM LUANDA
ANTÔNIO DOS SANTOS JOÃO MIGUEL / FÁTIMA TOMÁS DIAS DOS SANTO GAMA | 51 |
| 7. EMMI PIKLER: UMA VISÃO REVOLUCIONÁRIA DO DESENVOLVIMENTO PSICOMOTOR INFANTIL
BEATRIS MARIA MOCELLIN | 63 |
| 8. OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO PÚBLICA, A QUALIDADE DO ENSINO E A RELAÇÃO DISCENTE E DOCENTE NA SALA DE AULA
DANIEL LEOPOLDO MOREIRA BARBOSA | 69 |
| 9. A IMPORTÂNCIA DA ALFABETIZAÇÃO COMO INSTRUÇÃO PRIMÁRIA
DANIELA PROENÇA VERLY DA SILVA | 77 |
| 10. PRIORIZANDO A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA INFÂNCIA: CONSTRUINDO UM FUTURO SUSTENTÁVEL
DINAH LUISA DA SILVA | 85 |
| 11. NEUROCIÊNCIAS E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A VIDA ESCOLAR
ELISANGELA SANTOS REIMBERG EDUARDO | 93 |
| 12. A NEUROLINGÜÍSTICA E OS TALENTOS DOS EDUCANDOS
ESTER DE PAULA OLIVEIRA | 101 |
| 13. PARQUE INCLUSIVO: ACESSIBILIDADE GARANTIDA PARA TODOS
JOSEFA BEZERRA DE MENESES | 109 |
| 14. PROPOSTAS MATEMÁTICAS NAS SALAS DE PROJETO DE APOIO PEDAGÓGICO DA RMESP
LETÍCIA ZUZA DE LIMA CABRAL | 117 |
| 15. ABORDAGENS DIRECIONADAS AO DESENVOLVIMENTO DE EDUCADORES
LUCIMARA DOS SANTOS DE BARROS | 125 |
| 16. DESPERTANDO O INTERESSE DAS CRIANÇAS PELOS CONTOS DE FADAS
MARCELA RODRIGUES PIMENTEL | 131 |
| 17. AS CONTAÇÕES DE HISTÓRIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O APRENDIZADO
MARIA APARECIDA ARMANDILHA NUNES | 137 |
| 18. GESTÃO DIRETRIZES E COMPROMISSOS PARA UMA EDUCAÇÃO DE QUALIDADE
MARIA DE FÁTIMA COSTA ROCHA | 143 |
| 19. MÉTODOS PEDAGÓGICOS PARA ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS
MARILENA WACKLER | 149 |
| 20. A DIVERSIDADE NOS ESPAÇOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL
SIDNÉA DOS SANTOS QUINTINO AMORIM | 159 |
| 21. PEDAGOGIA DE PROJETOS NO ENSINO FUNDAMENTAL I
SIDNEIA VIANA | 167 |
| 22. BRINCANDO DE FAZ DE CONTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL
SILEUSA SOARES DA SILVA | 173 |
| 23. A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE MATEMÁTICA NOS ANOS INICIAIS
SORAIA MITAUY FREITAS | 181 |
| 24. A PEDAGOGIA E AS TEORIAS QUE CONTRIBUEM PARA O EDUCAR
VILMA CAVALCANTE SABINO DA SILVA | 189 |



RESUMO

O presente estudo tem como finalidade apresentar os avanços teórico-metodológicos na área da alfabetização. Assim como a alfabetização e o letramento são processos que caminham juntos, este trabalho, em específico, buscou um repensar da aquisição da língua escrita, baseado no alfabetizar letrando. O estudo das teorias de Piaget, possibilitou um conhecimento teórico que serviu como alicerce para a fundamentação de conceitos que envolvem o alfabetizar letrando. Por fim, uma reflexão acerca do papel do educador nesse processo de alfabetizar letrando, buscando dar significado ao processo educativo.

Palavras-chave: Alfabetização; Letramento; Professor Alfabetizador.

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como enfoque principal a Alfabetização. Assim como a alfabetização e o letramento são processos que caminham juntos, este trabalho, em específico, buscou repensar a aquisição da língua escrita, baseado no alfabetizar letrando. Não basta ao indivíduo ser simplesmente alfabetizado, ou seja, aprender meramente a decodificar. Faz-se necessário que o mesmo seja também letrado para que possa exercer as práticas sociais de leitura e escrita na sociedade.

O estudo trata de uma temática bastante discutida, por isso buscou reflexões e discussões que envolvem o processo de alfabetização, visto que, há uma grande complexidade do aprender a ler e escrever, que vai além do ensino de um código de sinais. O estudo dessa problemática do contexto da alfabetização contribui para um repensar do educador atuante nas classes de alfabetização, pois este deve ter um conhecimento básico dos princípios teóricos

metodológicos da alfabetização para que possa refletir sobre sua prática pedagógica, podendo reconstruí-la.

O tema abordado buscou elucidar algumas questões referentes ao processo educativo, tais como esclarecer os conceitos sobre alfabetização e letramento, observando que são processos que caminham juntos embora apresentem diferentes conceitos. Também enfatizam-se os conceitos elaborados pelos principais teóricos, onde pudemos analisar a importância de seus estudos para a compreensão do educador acerca do processo educativo. E, através de reflexões, buscamos também inserir o professor como peça fundamental nesse processo de desenvolvimento da leitura e escrita, onde o mesmo agirá como um mediador nesse processo.

O presente estudo tem como referenciais metodológicos a pesquisa bibliográfica. O desenvolvimento do trabalho consiste na leitura de autores que

¹ Licenciatura Plena em Pedagogia pela Faculdade Sumaré; Pós Graduação *Latu Sensu* em Arte e Musicalidade pela Faculdade de Conchas, FACION; Professora de Educação Infantil na Prefeitura Municipal de São Paulo, SME, PMSP.

desenvolveram pesquisas que perpassam a temática em estudo a fim de embasar, teoricamente, toda a pesquisa.

Ao final, esperamos uma contribuição relevante aos educadores que estão sempre em busca de aprender e reaprender sua prática, tendo como objetivo o melhor desenvolvimento cognitivo dos seus alunos.

RELAÇÃO ENTRE LINGUAGEM, ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

A linguagem é um lugar de constituição dos sentidos que se caracteriza como instância simbólica que perpassa o mundo. É um sistema que representa as coisas do mundo; espaço de interação entre os sujeitos, além de instrumento para expressar pensamentos e sentimentos.

A linguagem está presente em toda atividade humana, em nosso pensamento e nas representações, na forma como nos organizamos no mundo por meios dos símbolos e nas interações sociais. (MOITA, 1994, pg. 28)

Aprender a nomear o mundo implica participar das atitudes e das crenças de uma cultura. Assim, à medida que as crianças desenvolvem a língua oral, elas se apropriam de uma determinada cultura. Essa apropriação favorece a inserção das crianças em uma comunidade. Esse conjunto de aprendizagem colabora para a construção da capacidade de ler e escrever. A linguagem antecede as funções mais intencionais de organização do pensamento para leitura, escrita e expressão com sentido único de comunicação, a criança brinca primeiro com a linguagem, serve-se dela, depois vai se construindo por meio dela. (GOMES, 2002, pg. 45)

Na atualidade, embora em quantidade variada, as crianças são circundadas pelo registro gráfico, pelos signos que vão representar sons, letras e palavras. Nessa convivência, exploram as funções do ler e escrever entra em contato com diferentes gêneros e seus suportes. As diferentes formas de narrar o mundo provocam o desejo e o interesse pela leitura e pela escrita, ou seja, as crianças desde pequenas inserem-se

no processo de letramento e alfabetização para fazer coisas, agir sobre o mundo, desde as mais simples às mais complexas situações.

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: CONCEPÇÕES PRÁTICAS

No senso comum, alfabetizar é ensinar as primeiras letras. Um rápido olhar sobre o assunto revela-nos que até a década de 1940, sermos alfabetizados significava apenas ler e escrever. A partir de 1960, o conceito de alfabetização foi sendo ampliado.

Alfabetização para Batista (2006) é o sujeito que sabe utilizar a leitura e a escrita para exercer uma prática social.

Costa Val (2006) esmiúça o conceito um pouco mais ao afirmar que alfabetização é o processo específico e indispensável de apropriação do sistema de escrita; a conquista dos princípios alfabético e ortográfico que possibilitam ao aluno ler e escrever com autonomia.

Letramento trata-se de um processo que tem início quando a criança começa a conviver com diferentes manifestações da escrita na sociedade (revistas, placas, rótulos, embalagens comerciais etc.) e se prolonga por toda vida (Costa Val. 2006).

Segundo Soares (2001) o letramento é o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever. Nessa perspectiva, é o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um sujeito por ter se apropriado do processo de escrita, ou seja, é a condição do sujeito que não apenas saber ler ou escrever, mas exerce as práticas sociais de leitura e escrita.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs 1977), letramento “é entendido como produto de participação em práticas sociais que usam a escrita como sistema simbólico e tecnologia. São práticas discursivas que precisam da escrita para torná-las mais significativas, ainda que às vezes não envolvam atividades específicas de ler ou de escrever. Dessa concepção decorre o entendimento de que, nas sociedades urbanas modernas, não existe grau zero de letramento,

pois nelas é impossível não participar, de alguma forma, de algumas práticas”.

Letramento é então, uma prática que pressupõe necessariamente a plena participação social, possível apenas a partir da comunicação, a qual implica a interação entre os membros que fazem parte desse todo social. Outro elemento fundamental é o de que o letramento não pode ser confundido com alfabetização, tendo em vista que não implica obrigatoriamente a atividades específicas de ler ou de escrever.

Segundo Di Nucci (2001), atualmente, considera-se que, para o indivíduo inserir-se em uma sociedade letrada, ele precisa ser capaz de compreender textos escritos, mesmo que não tenha domínio do código escrito, isto é, mesmo que não seja alfabetizado. Ser alfabetizado e ser letrado são condições diferentes. O indivíduo letrado é aquele que usa funcionalmente a leitura e a escrita nas práticas sociais cotidianas, de forma a favorecer sua inserção cultural.

Os conceitos apresentados evidenciam que alfabetização se ocupa da aquisição da escrita por um indivíduo ou grupo; enquanto letramento focaliza os aspectos do cotidiano social na aquisição de um sistema escrito por uma sociedade - é o estado ou uma condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que necessitam da escrita. (BATISTA, 2006, pg. 15).

Esse posicionamento vem ao encontro da concepção de Bruner (2003) para quem aprender é conseguir entender, e entender é construir significados. Ao narrar o mundo e ouvir narrativas sobre ele, as crianças agregam significados e apropriam-se dos significados deles.

Embora o processo de letramento e de alfabetização se diferencia no que diz respeito às operações cognitivas demandadas e, também, em relação aos procedimentos metodológicos e didáticos, as atividades que o constituem precisam ser integradas.

A base do processo é o letramento que potencializa a instrumentalização e o

envolvimento da criança com as práticas e usos da língua escrita.

Letramento é, pois, o conjunto de práticas sociais que usam enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos. (KLEIMAN, 2001, p.19)

O processo de alfabetização precisa ser entendido em um sentido mais ampliado, visto que não reduz a aprender a grafar e a decodificar. Soares (2009) concorda com essa ideia ao afirmar que a alfabetização é essencial ao acesso ao mundo da escrita.

A ORGANIZAÇÃO DO AMBIENTE LETRADO

A alfabetização precisa desenvolver-se num contexto de letramento. Isso requer o entendimento de que a alfabetização e o letramento são processos simultâneos e indissociáveis. A primeira relacionada à apropriação do sistema de escrita alfabético, e a segunda é a apropriação do uso social da leitura e da escrita.

O processo de alfabetização e letramento tem início quando a criança começa a conviver com diferentes manifestações da escrita na sociedade, tais como: revistas, convites, placas, rótulos, embalagens comerciais. O contato com o mundo dos textos capacitará a criança a compreendê-los para que, paulatinamente, se torne usuária dos recursos possíveis para a escrita dos mesmos. (FERREIRO, 1996, p. 144)

Na Educação Infantil, parte da produção relativa à alfabetização e ao letramento apresenta-se por meio da oralidade. As linguagens sociais e os gêneros do discurso em que as crianças são envolvidas, os objetos que as cercam, tudo fala a favor da ampliação do conhecimento e do pertencimento a uma cultura letrada. As crianças vão, complexamente, fazendo leituras do que veem, ouvem e experimentam, mostrando a análise que vão construindo do material falado e escrito. Outro ponto que merece destaque é que o processo de letramento não se restringe, como pensam

equivocadamente alguns professores, à Educação Infantil e as séries iniciais do Ensino Fundamental, mas se amplia por toda vida escolar do educando, tendo em vista que, quanto menor for o grau de letramento das comunidades em que vivem os educandos independentemente do nível de ensino em que se encontra, maior a responsabilidade da escola em lhe proporcionar as condições necessárias para que esse se ampliem suas possibilidades de circulação social a partir do uso da escrita. (KATO, 2009, p. 38)

Nesse contexto, cabe à escola propiciar as condições ideais de leitura e de escrita, de modo que os espaços estejam impregnados pelos valores da sociedade letrada. Isso inclui oferecer tempo e espaço para que os estudantes sejam encorajados a ler, a pensar, a discutir, a conversar acerca dos diferentes gêneros textuais, orais, escritos, seus usos, finalidades e intenções diversas, a fim de se tornarem leitores e produtores de textos competentes.

Considera-se ambiente letrado aquele que promove um conjunto de situações de usos reais de leitura e escrita às crianças não apenas ter acesso ao mundo letrado, mas interagir nele. Dessa forma, elas terão a oportunidade de presenciar e participar de diversos atos de leitura e de escrita e pensar, desde cedo, sobre a língua e seus usos construindo ideias sobre como se lê e como se escreve. (FERREIRO, 2000, p. 104)

Todavia, algumas vezes, o termo ambiente letrado tem sido confundido com a organização de uma sala com paredes recheadas de textos expostos e, às vezes, até com etiquetas nomeando móveis e objetos, como se assim esta fosse uma forma eficiente de expor as crianças à leitura e à escrita. Contudo, é preciso compreender que oportunizar práticas de leitura se façam necessárias, isto é, nas quais tenham significado e uma função real de expressão e comunicação. Todas as tarefas que habitualmente o professor realizava na ausência das crianças, como, por exemplo, preparar convites, escrever comunicados aos pais solicitando alguma coisa, ler um bilhete deixado

pelo professor do outro período etc., podem ser partilhadas com as crianças ou integrarem atividades de exploração dos diversos usos da escrita e da leitura. (FERREIRO, 2000, p. 104)

A participação ativa dos alunos nesses eventos de letramento configura um ambiente letrado na escola e na sala de aula. Isso é especialmente importante quando as crianças têm pouca oportunidade de presenciar atos de leitura e de escrita na vida cotidiana, ou quando provém de comunidades pouco letradas, pois é preciso considerar que as experiências oportunizadas poderão ser mais ou menos significativas de acordo com capital cultural, social e econômico no meio imediato em que as crianças se incluem. Nesse caso, o professor torna-se uma referência bastante importante. Se o educador trazer diversos textos utilizados nas práticas sociais para dentro da sala de aula, estará ampliando o acesso ao mundo letrado, cumprindo um papel importante na formação do sujeito letrado. (LAJOLO, 1999, p. 64)

O PAPEL DO PROFESSOR NO DESENVOLVIMENTO DAS PRÁTICAS DIÁRIAS DE LEITURA E ESCRITA

A alfabetização é a etapa mais importante na nossa vida escolar, pois é nessa fase que descobrimos o mundo da leitura e escrita. O prazer em ler e o desenvolvimento bem elaborado vai depender da forma como fomos levados nesse processo de aquisição dos conhecimentos que obtivemos durante a alfabetização. Isso significa que o professor tem um papel extremamente importante nesse processo, pois ele será o mediador no incentivo aos seus alunos ao aplicar metodologias eficientes, respeitando o contexto e os conhecimentos prévios dos alunos.

De acordo com Vygotsky (2001) o estágio de desenvolvimento em que se encontrará o aluno, que poderá variar conforme as suas aptidões, incentivo e metodologias aplicadas, o professor tem papel fundamental no processo de alfabetização dos alunos, trabalhando de forma a mediar o conhecimento, trabalhando com a construção da escrita utilizando meios

eficazes para despertar o aprendizado por prazer e não por obrigação, refletindo sobre sua ação, de modo a relacionar e construir também conhecimento para si. É importante também que o professor tenha a compreensão acerca do processo inicial de construção da escrita que é de grande importância na alfabetização dos alunos. Esse processo ocorre geralmente quando a criança passa por um estágio de desenvolvimento complexo, no momento de descobertas, dúvidas e busca por respostas que muitas vezes não estão ao alcance de seus esquemas cognitivos e vai ser nesse momento que o educador contribuirá através de metodologias e práticas adequadas às necessidades de cada um, lembrando que nem todos os indivíduos se encontram no mesmo nível de compreensão. Segundo Sodré (2008, p.13) "Cada um aprende de um jeito diferente, dependendo de sua história de vida, de suas experiências". Então, é nesse momento em que o professor refletirá sua prática, percebendo que o erro faz parte do processo e esses erros devem ser utilizados no decorrer do processo e que faz parte da aprendizagem.

Levar o aluno a familiarizar-se com o mundo da leitura também é papel do professor, pois muitos desses alunos não têm acesso aos livros e nem incentivo dos pais. Ao ser despertada no aluno, a leitura se torna algo precioso em sua vida e será grande a possibilidade de se tornarem adultos com hábito de leitura e, conseqüentemente, conhecerão as formas corretas de escrever, pronunciar, compreender textos e isso pode transformar a vida do indivíduo sob vários aspectos, tais como social, cultural, cognitivo, linguístico, entre outros.

Entretanto, o fato de ser alfabetizada não significa que a pessoa seja letrada, mesmo que ela esteja inserida em um contexto social de letrados, pois esse fato não garante formas iguais de participação na cultura escrita até porque o acesso ao mundo da leitura e escrita em decorrência do conhecimento sistematizado, que se encontra em textos escritos, não estão

disponíveis igualmente para todos. Também não podemos dizer que o letramento é consequência da alfabetização, pois há aqueles que são letrados e não alfabetizados, como também os que são alfabetizados e não são letrados. Portanto, a aquisição da leitura e da escrita por si só não garante maior nível de letramento, e, por vezes, nem mesmo essa aquisição inicial está sendo efetivada ou garantida a todos os brasileiros. Ou seja, mesmo havendo alfabetização e disponibilidade de material escrito e impresso suficientes e condições necessárias ao desenvolvimento cognitivo, não significa que haverá letramento.

É importante que o professor proporcione ao aluno um contato direto com o mundo da leitura, das mais variadas possíveis, pois sabemos que há uma grande complexidade no ato de ensinar e aprender a ler e escrever, daí a necessidade de se trabalhar a leitura com diferentes portadores de textos para que a criança interaja com as demais disciplinas. Para tanto, o professor deve priorizar a leitura diária, objetivando que isso se torne um hábito corriqueiro e espontâneo o que facilitará o processo de interpretação e compreensão dos mais variados tipos de textos.

Segundo Lerner (2000), pensando nessas aprendizagens, o professor deve considerar alguns aspectos na organização do seu trabalho, tais como a interação entre os alunos, seus conhecimentos prévios, a individualidade, particularidade de cada um, ou seja, a heterogeneidade da turma, o nível dos desafios apresentados pelas atividades propostas e as conquistas possíveis. Assim o professor agirá como mediador entre os educandos e os objetos dos conhecimentos, aquele que organiza o espaço propiciando situações reais de aprendizagem, articulando os aspectos afetivos, emocionais, sociais e cognitivos de cada criança aos seus conhecimentos prévios, atentando ao ritmo e capacidade individual de cada um dos alunos, pois cada uma tem suas características próprias e devem ser respeitadas.

É importante que essa relevância em relação aos conhecimentos prévios dos alunos seja trabalhada de forma prioritária, pois, assim o professor poderá organizar as situações de aprendizagem levando em consideração o pensamento e a linguagem de cada um e o interesse em determinado assunto, e então, as novas experiências, ao serem vivenciadas, se acomodarão as já existentes. Daí então essas novas experiências irão promover o crescimento e a equilíbrio necessários para que aconteça a aprendizagem.

Nesta linha de pensamento em torno da teoria das equilíbrazões, Piaget, segundo LIMA (1994, p.147), identifica três formas básicas de equilíbrio, são elas:

1. Em função da interação fundamental de início entre o sujeito e os objetos, há primeiramente a equilíbrio entre a assimilação destes esquemas e a acomodação destes últimos aos objetos.
2. Há, em segundo lugar, uma forma de equilíbrio que assegura as interações entre os esquemas, pois, se as partes apresentam propriedades enquanto totalidades, elas apresentam propriedades enquanto partes. Obviamente, as propriedades das partes diferenciam-se entre si. Intervêm aqui, igualmente, processos de assimilação e acomodação recíprocos que asseguram as interações entre dois ou mais esquemas que, juntos, compõem um outro que os integra.
3. Finalmente, a terceira forma de equilíbrio é a que assegura as interações entre os esquemas e a totalidade. Essa terceira forma é diferente da Segunda, pois naquela a equilíbrio intervém nas interações entre as partes, enquanto que nesta terceira a equilíbrio intervém nas interações das partes com o todo. Em outras palavras, na Segunda forma temos a equilíbrio pela diferenciação; na terceira temos a equilíbrio pela integração.

Assim, pode-se perceber um pouco como ocorre o processo de construção do conhecimento pelas crianças, pois as mesmas utilizam das mais variadas linguagens, a partir de interações que estabelecem com outras pessoas e com o seu meio. Essa construção do conhecimento é mediada pela cultura, baseada

nos seus conhecimentos prévios adicionados dos conteúdos escolares proporcionados pelos professores através de uma organização e planejamento adequados.

A criança é um ser social, pois interage e aprende com o meio e essa interação social é uma das estratégias fundamentais dos educadores para a construção da aprendizagem pelas crianças. Para tanto, o professor deve conduzir essa interação através da socialização das descobertas e das novas aprendizagens, assim, haverá uma troca de experiências onde as crianças poderão ajudar e serem ajudadas umas pelas outras, proporcionando um ambiente de interação social. (VYGOTSKY, 2001, p. 121).

Essa interação entre as crianças e entre elas e o professor é a origem fundamental da ZDP (Zona de Desenvolvimento Proximal) no ambiente da sala de aula, onde o uso das mais variadas linguagens ajudarão as crianças a reestruturarem e reorganizarem suas aprendizagens. Vygotsky (2001) desenvolveu o conceito de zona de desenvolvimento proximal para discutir e explicar a relação existente entre desenvolvimento e aprendizagem. Para ele, as situações de aprendizagem vividas pelo sujeito e mediadas por sujeitos mais experientes geram mudanças qualitativas e impulsionam o processo de desenvolvimento do indivíduo.

Vygotsky, em sua teoria, preocupou-se mais com a aprendizagem escolar e a sua relação com o desenvolvimento ocorrido antes e durante o processo escolar. Para ele é importante uma análise do desenvolvimento antes mesmo da construção da aprendizagem. Assim, Vygotsky afirmou:

Quando se pretende definir a relação entre o processo de desenvolvimento e a capacidade potencial de aprendizagem, não podemos limitar-nos a um único nível de desenvolvimento. Tem de se determinar pelo menos dois níveis de desenvolvimento de uma criança, já que, se não, não se conseguirá encontrar a relação entre desenvolvimento e capacidade potencial de aprendizagem em cada caso específico. Ao primeiro destes níveis chamamos nível de desenvolvimento efetivo da criança.

Entendemos por isso o nível de desenvolvimento das funções psico-intelectuais da criança que se conseguiu como resultado de um específico processo de desenvolvimento já realizado (VYGOTSKY, 2001, p. 111).

A distância existente entre o nível de desenvolvimento real e o nível de desenvolvimento potencial é o que Vygotsky (2001) conceituou de zona de desenvolvimento proximal.

A ZDP proporciona um espaço de integração no ambiente da sala de aula onde aqueles que se encontram em um nível mais avançado no processo de aprendizagem ou que já superaram suas dificuldades possam ajudar os colegas. Nessa situação o professor, mesmo sem sua participação direta, ele age de forma a estabelecer uma interação entre os alunos, levando assim, a criação da ZDP através de suas intervenções. Em todas as fases do desenvolvimento da criança é importante o trabalho em grupos, pois proporciona a interação, favorece a cooperação, a solidariedade e promove a troca de conhecimentos e saberes variados. (VYGOTSKY, 2001, p. 134).

Também é importante lembrar a organização de um ambiente agradável, afetivo e que seja subsidiado por recursos e estratégias que ajudem a motivar a construção das aprendizagens que devem acontecer de forma autônoma e eficaz. Um ambiente alfabetizador se caracteriza pelo espaço de leitura e escritas, com atividades interessantes e diversificadas, que devem estar sempre ao alcance de todos para se apropriarem na hora em que quiserem, pois assim, as crianças irão construir progressivamente sua própria leitura e escrita, bem como o gosto pelo ato de ler.

Na visão de Werneck (2006) esse processo de construção do conhecimento não se faz apenas pela transmissão e assimilação das informações e sim pela formulação de hipóteses individuais e coletivas pelas crianças buscando a resolução dos problemas e, para isso, é necessário um ambiente propício para que haja

progressos nessa construção de conhecimentos, pois as crianças terão oportunidade de refletir e criar as possibilidades para compreensão da escrita como objeto social.

Nesse contexto, o professor deve trabalhar as dificuldades apresentadas pelas crianças para que elas vençam as etapas do seu desenvolvimento. A ação pedagógica surge então como uma ajuda aos alunos no processo de superação de conflitos. Porém, nesse sentido, o professor deve ter bem claro que, para estruturar sua intervenção, é necessário saber o nível de desenvolvimento real em que a criança se encontra para que na ZDP ele possa agir e promover a interação essencial e adequada entre as crianças.

Para Werneck (2006) a escola exerce um papel de grande responsabilidade na construção do conhecimento dos seus alunos, pois os saberes que serão adquiridos no ambiente escolar garantirão o seu exercício da cidadania. Para isso, o professor comprometido com a alfabetização para a cidadania precisa se organizar, construir e reconstruir seu planejamento, avaliar sua atuação, levando sempre em consideração os conhecimentos já trazidos por seus alunos e a partir daí estabelecer uma relação de respeito e confiança com as crianças.

O professor comprometido com sua prática pedagógica implica: “[...] na vivência do espírito de parceria, de integração entre teoria e prática, conteúdo e realidade, objetividade e subjetividade, ensino e avaliação, reflexão e ação, dentre muitos dos fatores integrantes do processo pedagógico” (LUCK, 1994, p.54).

É fundamental que no processo de ensino e aprendizagem o professor renove suas práticas e metodologias visando potencializar as descobertas e habilidades dos seus alunos, estimulando sempre a coletividade como também a autonomia nas atividades desenvolvidas pelas crianças. Trabalhar com inovação sem deixar de lado o planejamento de suas ações, pois o processo educativo exige organização sistemática, sem abandonar os

princípios de liberdade, atendimento às necessidades individuais e coletivas, oportunidades para todos e formação para cidadania.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A alfabetização, há décadas é vista como um grande problema da educação brasileira e esse foi o foco do estudo realizado, ou seja, buscamos analisar, através do conhecimento dos conceitos, do que dizem os grandes teóricos e das práticas diárias que podem ser realizadas pelos educadores, buscando, assim, estabelecer as estratégias para alfabetizar letrando as crianças da Educação Infantil.

Se iniciou estabelecendo conceitos acerca do que se diz de alfabetização e letramento numa busca de esclarecer o significado de cada um, embora concluamos que, apesar de revelarem diferentes conceitos, ambos estão entrelaçados, pois o ideal é ensinar a ler e escrever contextualizando o aprendizado com as práticas sociais da leitura e da escrita. Por isso, é essencial que nos primeiros anos de escolarização (que engloba a Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental), o educador volte sua prática para uma realidade mais próxima possível do aluno proporcionando aos seus alunos atividades de leitura e escrita que contextualizem seu dia a dia.

Para enfatizar os conceitos de alfabetização e letramento, analisamos o que dizem os mais renomados teóricos a respeito do tema em estudo. Observamos que cada um deles também enfatiza o fato de que uma boa parte das pessoas alfabetizadas não está letrada.

Se estabeleceu através de reflexões, o papel do professor no desenvolvimento das práticas diárias de leitura e escrita. Verificou-se que precisamos, verdadeiramente, é conscientizar o professor alfabetizador, pois somente quando ele tiver consciência da importância de seu papel, na formação do educando em seu exercício das práticas sociais de leitura e escrita na sociedade em que vive, é que vai romper com paradigmas tradicionais e

perceber que não basta alfabetizar. Hoje os nossos alunos necessitam de um processo de aprendizagem que focalize o alfabetizar letrando. O texto trouxe considerações importantes acerca da prática docente que nos faz refletir sobre o nosso verdadeiro papel no processo de desenvolvimento da criança, através de práticas construtivistas no sentido de construir o conhecimento.

Ao concluir o presente trabalho, percebo que quando o aluno lê, escreve e interpreta, não é o método escolhido que importa, e sim a meta alcançada.

O conhecimento das letras é um meio para o letramento, que é o uso social da leitura e escrita, por isso, para formar cidadãos atuantes, é preciso conhecer a importância da informação sobre letramento e não de alfabetização.

Cabe ao educador, criar situações que permitam ao aluno vivenciar os usos sociais da escrita e leitura, direcionando-o a aprender, executar desafios a desenvolver a inteligência e transformar informações em conhecimento, ou seja, alfabetizar, alfabetizar letrando, pois na escola a criança deve interagir firmemente com o caráter social da escrita e ler e escrever textos significativos.

Esse trabalho foi desenvolvido visando uma mudança de atitudes e conceitos para que os alunos de hoje se tornem adultos saudáveis, alicerçados a uma educação de qualidade.

REFERÊNCIAS

- BATISTA, A. A. G. Alfabetização, leitura e escrita. In: CARVALHO, M. A. F.; MENDONÇA, R. H. (orgs). **Práticas de leitura e escrita**. Brasília: Ministério da Educação, 2006, p. 10-17. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/grades/salto_ple.pdf>. Acesso em: 13 mar 2024.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. 3.ed. Brasília: A Secretaria, 2001.
- COSTA VAL, M. G. O que é ser alfabetizado e letrado? In: CARVALHO, M. A. F.; MENDONÇA, R. H. (orgs). **Práticas de leitura e escrita**. Brasília: Ministério da Educação, 2006, p. 18-23. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/grades/salto_ple.pdf>. Acesso em: 13 mar 2024.
- Di Nucci, E. P. (2001) Alfabetizar letrando ... um grande desafio para o professor! Em S. A. S. Leite. **Alfabetização e letramento: contribuições para as práticas pedagógicas**.

Campinas: Komedi.

FERREIRO, Emília. **Alfabetização em Processo**. São Paulo: Cortez, 1996. 144 p.

_____. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2000. 104p.

GOMES, M. Fátima C. Relação entre desenvolvimento e aprendizagem: consequências na sala de aula. **Presença Pedagógica**. Belo Horizonte: Dimensão, v. 8, n. 45, maio/jun., 2002.

KATO, M. A. **No mundo da escrita**: uma perspectiva psicolinguística. 7. ed. São Paulo: Ática, 2009.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura**: teoria e prática. Campinas: pontes e Ed. UNICAMP, 2001.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1999.

LERNER, D. **Ler e escrever na escola**: o real, o possível e o necessário. Porto Alegre: Ed. Artmed, 2000.

LUCK, Heloisa. **Pedagogia Interdisciplinar**: Fundamentos teóricos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 1994.

MOITA LOPES, L. P. Linguagem, interação e formação do professor. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 75, nº 179/180/181, p. 301-371, jan./dez. 1994.

SOARES, Magda. Alfabetização e Letramento na Educação Infantil. **Revista Pátio**, julho/outubro 2001.

VYGOTSKY, Lev Semyonovith. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: VYGOTSKY, Lev Semyonovith; LURIA, Alexander Romanovith; LEONTIEV, Aleksei Nikolaievith; **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 2001.

WERNECK, V. R. Sobre o processo de construção: o papel do ensino e da pesquisa. In: **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v.14, n.51, p. 173-196, abr./jun. 2006.





<https://doi.org/10.52078/issn2675-2573.rpe.51>

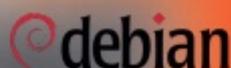
ORGANIZAÇÃO:
Manuel Francisco Neto
Vilma Maria da Silva

AUTORES(AS):

Adriana Pereira Santos da Silva
Alecina do Nascimento Santos
André Luiz Dias Leite
Andressa Talita de Lara
Angelita Aparecida Ferreira Gebin
Antônio dos Santos J. Miguel e Fátima Tomás
Dias dos Santos Gama
Beatris Maria Mocellin
Daniel Leopoldo Moreira Barbosa
Daniela Proença Verly da Silva
Dinah Luisa da Silva
Ester de Paula Oliveira
Elisangela Santos Reimberg Eduardo
Josefa Bezerra de Meneses
Letícia Zuza de Lima Cabral
Lucimara dos Santos de Barros
Marcela Rodrigues Pimentel
Maria Aparecida Armandilha Nunes
Maria de Fátima Costa Rocha
Marilena Wackler
Sidnéa dos Santos Quintino Amorim
Sidneia Viana
Sileusa Soares da Silva
Soraia Mitauy Freitas
Vilma Cavalcante Sabino da Silva



Produzida com utilização de softwares livres



Platform &
workflow by
OJS / PKP

www.primeiraevolucao.com.br

